



NARRATIVAS ALIMENTARES E SUAS RELAÇÕES DE PODER

Paola Stefanutti

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Fátima Cividini

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Viviane da Silva Welter

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Valdir Gregory

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

446

Resumo: Este artigo busca discutir as relações de poder em narrativas alimentares de pescadores de Foz do Iguaçu. Faz-se um ruminar de discussões alimentares através de memórias de pescadores da localidade e suas relações com a comida. O procedimento metodológico adotado neste trabalho busca interpretar dados obtidos através destas narrativas, sendo considerada uma pesquisa oral temática. Além das entrevistas, a pesquisa conta com levantamento bibliográfico sobre diversos temas que surgiram no decorrer das análises, como poder simbólico (Pierre Bourdieu, 1996), relações de poder (Michel Foucault, 1971 e 2003), memória (Michael Pollak, 1992) e alimentação (Jesús Contreras e Mabel Gracia, 2011). Estas discussões estão presentes em relatos sobre o peixe de primeira e o peixe de segunda e a comida do caboclo *versus* a comida italiana. Corrobora a tese de que a comida é simbólica e reflete a cultura, o meio e os aspectos que circundam aqueles que a escolhem e a ingerem. No conjunto do levantamento realizado espera-se constituir bases que colaboram para uma compreensão transdisciplinar sobre o aspecto alimentar, ressaltando a alimentação como uma das temáticas das ciências sociais.

Palavras-chave: alimentação; discurso; pescadores; poder simbólico.

Introdução

Se somos o que comemos como afirmam estudiosos do campo da gastronomia e alimentação, podemos dizer que somos o que relatamos comer. Afinal, entre o consumo de fato e as lembranças deste, há um longo percorrer de



ruminares e negociações entre o falar e o não falar, os ditos e não-ditos. Parte-se da concepção de memórias segundo Pollak (1992) que trata o fenômeno da memória como seletiva, reforçando a ideia de que a mesma não é estática, sofre flutuações pois é acionada no momento presente em que é articulada. Sendo o momento presente fundamental para a estruturação da memória.

Portanto, nas narrativas alimentares surgem mais do que comidas, ingredientes e modos de fazer e aparecem nas entrelinhas, vestígios, migalhas como nos lembra Ginzburg (1989), de fatores morais, sociais, culturais, geográficos, históricos e econômicos que envolvem o ato de comer e as escolhas alimentares.

Neste artigo objetiva-se discutir um destes vestígios sendo as relações de poder e o poder simbólico envoltos em narrativas alimentares de pescadores de Foz do Iguaçu presentes em relatos sobre: o peixe de primeira e o peixe de segunda e a comida do caboclo *versus* a comida italiana. Ressalta-se que este texto é um recorte de uma pesquisa de maior amplitude.

O território, foco desta pesquisa, está localizado em uma região particular, uma tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, sendo que este espaço gera dinâmicas fronteiriças singulares, assim como discute Albuquerque (2011, p.254): “As fronteiras nacionais e sociais podem ser vistas tanto como marcos de diferenças culturais entre as populações que se encontram em situações de fronteiras, mas também como espaços privilegiados de contato e de trocas materiais e simbólicas”.

Sobre os aspectos de comportamentos, hábitos e práticas alimentares aporta-se em Contreras e Gracia (2011, p.138) que afirmam que estes serviram e servem para: “[...] marcar as diferenças étnicas e sociais, na medida em que constituíram uma via para classificar e hierarquizar as pessoas e os grupos, assim como para manifestar as formas de entender o mundo”. As narrativas reforçam as diferenças entre o Eu e o Outro, entre o peixe de primeira e o de segunda, entre a comida italiana e a cabocla. Relações de poder nas práticas alimentares.

O procedimento metodológico adotado neste trabalho busca interpretar dados obtidos através das narrativas de entrevistas, sendo considerada uma pesquisa oral temática. Este pode ser visto como um método de pesquisa que busca



conhecimentos sobre o passado, não sendo “um fim em si mesmo, e sim um meio de conhecimento” (ALBERTI, 2005 p. 29), para a investigação que se pretende realizar.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas no decorrer desta escrita. Como o objetivo deste, não era o estudo linguístico da fala destes pescadores, optou-se pela transcrição das narrativas ajustando erros de português gramatical, vícios de linguagem, formas coloquiais, porém procurando manter os sentidos das falas. Durante a escrita deste trabalho, optou-se pela utilização dos nomes dos entrevistados, como estes se autodenominam, e são conhecidos nas imediações e em relações sociais. Justifica-se, portanto, a utilização do apelido e da palavra “Seu”, sendo uma alteração fonética do pronome de tratamento “senhor”. Assim, os entrevistados foram Popeye, Iracema e Seu Valdemar. O olhar a essas fontes, esses personagens da história de Foz do Iguaçu, fará este trabalho, ser memórias e fonte.

Este texto corrobora a tese de que a comida é simbólica e reflete a cultura, o meio e os aspectos que circundam aqueles que a escolhem e a ingerem, assim como as relações de poder envolvidas neste processo. No conjunto do levantamento realizado espera-se constituir bases que colaboram para uma compreensão transdisciplinar sobre o aspecto alimentar, ressaltando a alimentação como uma das temáticas das ciências sociais.

1 As narrativas e as relações de poder

1.1 Os pescadores

Nesta seção apresenta-se os três entrevistados Popeye, Iracema e Seu Valdemar, cujas narrativas possuem vestígios de relações de poder. Popeye ou Moacir Zimmerman chegou a Foz do Iguaçu quando tinha cinco anos, em 1959, na



área do Remanso Grande. Natural de Chopinzinho, Paraná, é descendente de alemães, poloneses e caboclos, e orgulhosamente conta que fala alemão. Popeye é um dos pescadores mais antigo de Foz do Iguaçu, sendo referenciado com respeito por outros pescadores como um dos primeiros do Rio Paraná. Alguns não o conhecem pessoalmente, mas a figura do Popeye, de pioneiro do rio, torna-o quase uma lenda entre os pescadores locais. Popeye voltará a aparecer mais tarde.

Iracema Berlanda de Andrade, viúva do pescador Aristeu Matos de Andrade, é gaúcha de Veranópolis, e veio do Rio Grande do Sul com dez anos com destino a Matelândia, onde morou até os dezesseis anos. Com dezessete anos, em 1961, e casada, mudou-se para Foz do Iguaçu com sua família. Aristeu, seu esposo, era natural de Anita Garibaldi, do estado de Santa Catarina, e, apesar de ter falecido há dezessete anos, as histórias de Aristeu, permanecem nas memórias de Iracema. Desde que chegaram à localidade moravam às margens do Rio Paraná, até saírem de lá, por conta da desapropriação da Itaipu, em 1979.

Valdemar Tozzi, nascido em Pompeia, no estado de São Paulo, em 1941, mudou-se para o estado do Paraná ainda criança, o que gerou um sentimento de pertencimento, chegando a dizer que pode ser chamado de paranaense. Chegou a Foz do Iguaçu em 1978, para trabalhar no canteiro de obras da Itaipu, porém não tem interesse em falar sobre a obra, ou sobre a Itaipu. Hoje Seu Valdemar é aposentado da pesca profissional. Mora há mais de trinta anos na barranca, abaixo do Marco das Três Fronteiras, tendo uma visão privilegiada do caos cultural simbólico, a Tríplice Fronteira das e nas águas.

Assim, introduz-se brevemente os três entrevistados desta pesquisa, Popeye, Iracema e Seu Valdemar tendo estes chegado à localidade em 1959, 1961 e 1978, respectivamente. A seguir as narrativas e suas discussões.

1.2 Peixe de primeira e peixe de segunda



Sobre a quantidade de peixes encontrada em um período anterior, Popeye evidencia a abundância de peixes e espécies e relata como a família podia escolher o peixe para consumo:

450

Olha, a gente, é claro que não ia comer só um peixe de primeira, um surubim, um dourado. Na época, era peixe de primeira, né. Porque jaú, pacu, piapara, esses peixinhos aí, era tudo peixe de segunda. Então, a gente comia mais os peixes de segunda. E deixava o melhor para poder vender, para sobreviver, né.⁷²

Pode-se refletir sobre como se estabelece essa relação de carne de primeira ou carne de segunda, ou como no caso, que não faz parte da nomenclatura técnica, usual, peixe de primeira e peixe de segunda. Sendo que peixe de primeira era, por certo, a espécie mais valorizada no mercado, e, peixe de segunda, aquelas espécies com valor agregado baixo, e cuja venda não compensava tanto.

Empiricamente, esses pescadores se apoderam de uma nomenclatura utilizada para carnes vermelhas bovinas e fazem uma analogia com seu produto de venda, no caso, o peixe. Questiona-se, todavia, sobre quem estabelece o que é bom ou que é ruim, como surge essa relação de poder e valorização sobre um determinado alimento e depreciação do outro? O que é um alimento de primeira ou de segunda e como essa classificação pode sofrer alterações ao longo do tempo e nas situações no que se refere à localização (tempo e lugar), como, por exemplo, no caso proferido?

O sociólogo francês Pierre Bourdieu pode auxiliar na compreensão dessa concepção. Dedicado ao estudo da linguística, em seu livro “A Economia das Trocas Linguísticas”, Bordieu realça a questão do poder simbólico como uma força invisível, porém perceptível, que sustenta a distinção de determinados aspectos das relações sociais, aspectos que podem ser verificados no uso da linguagem e no uso de outros elementos, como o vestuário, maneira de falar, arte, música e a própria comida.

72 ZIMERMAN, Moacir. Entrevista concedida em 19/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.



Essa distinção é sucessivamente reforçada mediante signos de riqueza e de superioridade, buscando uma diferenciação da vulgaridade. Seria o público *versus* distinção burguesa, popular *versus* erudito, comum *versus* raro. Bourdieu (1996) afirma que o valor dos elementos nasce sempre do desvio do “lugar-comum”, do vulgar, do trivial, do acessível a todos. Assim, existem alimentos e ingredientes que se tornam símbolos dessa distinção.

Pode-se listar uma série de iguarias, como *escargot*, *champagne*, trufas, mas evidencia-se uma em especial que se tornou, no Brasil, símbolo de riqueza, opulência e elite, através de uma música popular do cantor brasileiro Zeca Pagodinho, com o homônimo do título da música, “Caviar”. O refrão da letra diz que: “Você sabe o que é caviar? Nunca vi, nem comi, Eu só ouço falar”. Através dessa canção, lançada em 2002, do expressivo álbum “Deixa a Vida Me Levar”, esse ingrediente se tornou símbolo de distinção e fetiche da ascensão social. Assim, portanto, a comida também se torna símbolo de distinção entre as classes e de *status* social. No caso desses pescadores, o símbolo era o peixe de primeira para a venda em relação ao peixe de segunda para o consumo familiar, sendo que essas categorias são classificadas e ordenadas porque são perpassadas por relações de poder.

Outro caso que pode ser mencionado é o de Iracema, que lembra que o esposo só pescava o suficiente para o sustento da família, pois não tinha como vender e nem como armazenar o produto. A obtenção somente para a subsistência é uma lógica diferente da do mercado. Tal como Popeye, ela contou sobre a dificuldade em não possuir refrigeração e que isso influenciava no consumo alimentar da família. Observa-se que essa é uma referência atual da entrevistada, pois anteriormente ela não possuía refrigeração também. É a memória acionada no presente, como relembra Pollak (1992).

Não tinha onde vender. Então nossa pesca era assim, era para comer. Naquele tempo nós não tínhamos geladeira, não tínhamos nada, pegava e tinha que comer tudo. Muitas vezes ele pegava curimba, e aqueles outros peixes e daí ele colocava, grrr [voz e expressão de nojo, quase um



grunhido], até hoje eu sinto o cheiro, [entonação de voz] ele charqueava e botava no varal para secar. Quando não era o dourado, ele fazia isso.⁷³

Não somente de boas lembranças sensoriais vivem as pessoas, como se pode notar no caso anterior. Pode-se constatar a valorização do peixe dourado, coincidindo com a fala do pescador Popeye, que narra sobre o peixe de primeira. Diferente da realidade desse pescador, a família de Iracema consumia peixes de primeira. O foco principal era a subsistência da família e depois, eventualmente, a venda. Esse foi um caso à parte dos demais entrevistados, pois estes tinham o foco principal no produto para a venda.

A terceira narrativa que aborda essa diferenciação entre os peixes é de Seu Valdemar que conta sobre a alteração em relação à valorização do peixe. Ele explana o caso do peixe armado, que antigamente era jogado fora, e hoje é considerado um peixe de primeira: “Hoje em dia, não joga nada fora, até a cabeça leva para fazer ensopado”⁷⁴. Ele ainda diz que hoje come mais carne bovina do que peixe, o oposto do que ocorria antigamente. Ele mudou os hábitos: “Agora a gente tem que vender os poucos peixes para ter uns trocados. Aí se a gente comer, não sobra para vender”⁷⁵. Eis aí a questão da necessidade do comércio e da parte financeira, impondo um novo modelo alimentar para esse primeiro elo da cadeia produtiva do pescado. Apesar de ter acesso ao pescado, por uma questão econômica, não o consome, vende-o e compra uma carne bovina, mais acessível financeiramente.

Esta narrativa demonstra como as relações de poder interferem na esfera doméstica, especificamente nos hábitos alimentares dos sujeitos. A narrativa de Seu Valdemar reflete as transformações socioespaciais ocorridas, frutos de melhorias da infraestrutura e questões mercadológicas. Se no passado havia limitações de locomoção e armazenamento do peixe que, por sua vez, dificultavam tanto a venda deste produto externamente, quanto à aquisição de carne para o consumo, no

73 ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

74 TOZZI, Valdemar. Entrevista concedida em 24/1/2015 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

75 TOZZI, Valdemar. Entrevista concedida em 24/1/2015 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.



presente, com a melhoria de infraestrutura para o deslocamento, acesso a eletrodomésticos para refrigeração e a variedade de carnes a preços atrativos, a mudança dos hábitos alimentares ocorreu drasticamente: o peixe passou a ser pescado e comercializado para subsistência da família, sendo substituído pela carne bovina, com menor valor agregado. Segue o Quadro 01, com os peixes mencionados e sua caracterização sendo a classificação entre peixe de primeira e de segunda mencionada pelos pescadores.

Quadro 01. Quadro dos peixes mencionados nas narrativas

	NOME REGISTRADO	NOME CIENTÍFICO	INFORMAÇÃO ADICIONAL
1	Armado	<i>Pterodoras granulosus</i>	Peixe de segunda
2	Curimba	<i>Prochilodus lineatus</i>	Peixe de segunda
3	Dourado	<i>Salminus brasiliensis</i>	Peixe de primeira
4	Jaú	<i>Zungaro zungaro</i>	Peixe de segunda
5	Pacu	<i>Piaractus mesopotamicus</i>	Peixe de segunda
6	Piapara	<i>Leporinus obtusidens</i>	Peixe de segunda
7	Pintado / Surubim	<i>Pseudoplatystoma coruscans</i>	Peixe de primeira

Fonte: Adaptado de STEFANUTTI(2015)

As relações de poder são encontradas na classificação do que é considerado de maior valor no mercado, definido segundo leis gerais de demanda e procura que hierarquizam o que é valioso para ser vendido e o que é ordinário e pode ser consumido. Esta hierarquização define quem pode e quem não pode ter acesso a produtos de ‘primeira’.

Foucault (2003) ressalta que não foi o primeiro autor a abordar as questões relativas ao poder, que até mesmo antes de 1956 diversos autores o estudaram a partir do ponto de vista marxista procurando ressaltar as incongruências produzidas nos aparelhos do Estado. Estes estudos podem ter influenciado o senso comum acerca da definição de poder como dominação, ligado ao sistema estatal como o exército, a polícia e a justiça. Todavia, para Foucault (2003) as relações de poder circulam em toda a sociedade, estão em todos os lugares e espaços, nos lares entre



os cônjuges, entre os pais e os filhos, entre aquele que sabe e aquele que não sabe.

É bem verdade que as narrativas de Popeye e de Seu Valdemar expressam uma das aberrações do Estado moderno ao não apenas permitir, mas prover subsídio para que o mercado se autorregule por leis que produzem efeitos sobre as relações sociais cotidianas do ser humano. Entretanto, para Foucault (2003) a dominação de classe ou uma estrutura de Estado só se sustentam devido às relações de poder que envolvem cada indivíduo. As diretrizes são expostas, mas só entram em funcionamento com a ação de micropoderes de diversos sujeitos. São lutas diárias empregadas na esfera que vai da dominação à rebelião. Em outras palavras, as relações de poder não se dão apenas de cima para baixo, elas estão presentes no cotidiano e podem ser materializadas por meio de diferentes técnicas, em diferentes níveis e variar de uma temporalidade para a outra.

Vale ressaltar que as relações de poder se materializam por meio do discurso. Foucault (1971) assinala que o discurso se apoia na vontade de verdade, que por sua vez tem suporte em um tipo de poder institucional que se manteve por diversos séculos. A verdade deixou de residir no que se falava e passou a residir no sujeito que a fala. Ou seja, foram criadas novas instituições e formatos para proclamar discursos carregados de poderes, que separou os loucos dos sãos, os homens de boa conduta dos criminosos, o sábio do ignorante, o produto ou serviço de primeira e o de segunda, para localizarmos a narrativa desta discussão. “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1971, p. 10).

Desta maneira, ao nos apoderarmos e proclamarmos pelo discurso um saber, exercemos um poder de coerção sobre a sociedade. Os discursos podem ser carregados de valores classificatórios que atribuem o que (não) possui valor, de acordo com hierarquizações eleitas por instituições ou pessoas ‘autorizadas’. Outra face deste contexto é a exclusão, pois para ser eleito determinado saber, produto ou



alimento como melhor, verdadeiro ou genuíno, outros são excluídos, como os peixes de segunda, em detrimentos dos peixes de primeira.

455

1.3 A comida cabocla *versus* italiana

Estabelece-se uma relação da comida como identidade e como relações de poder. Relembrando os comportamentos alimentares, Iracema diz que: “Nossa comida era mais polenta, era arroz, feijão. Eu sou de origem italiana, ele [Aristeu, o esposo] não, ele era caboclo⁷⁶. Então, ele era arroz, feijão e carne, carne de porco e banha, tudo que era troço assim. E eu já era mais de massa, de italiano, né?”⁷⁷. Nota-se que, na frase de Iracema, seu esposo se torna a própria comida, afinal “ele era arroz, feijão e carne [...]”. Esse momento foi único, pois quando ela se referia à comida do caboclo, a voz engrossava, franzia a testa. E falava como se estivesse dando uma ordem à comida, com o maior esforço para aparentar brutalidade e grosseria, como se aquela comida representasse isso para si mesma. Diferentemente, quando narrava sobre a massa, ela parecia uma manteiga derretendo em uma frigideira quente, uma massa ao molho escorrendo pelo garfo. A cena foi única e a voz, nós a temos gravada...a comida bruta e a comida delicada e fina, a voz rude e a voz suave e leve, como uma massa italiana.

Nesta narrativa evidencia-se o distanciamento entre a comida italiana e cabocla, que pode encontrar respaldo em Contreras e Gracia (2011, p.211), que diz: “Historicamente, a alimentação esteve ligada ao prestígio social e ao *status*. Os diferentes modos de se alimentar podem ser um meio de afirmar o próprio *status* diante dos demais e, inclusive, de adquirir prestígio”. Portanto, ser italiana e comer “*alla italiana*” é sinônimo de prestígio e *status* social.

⁷⁶ A identidade cabocla é complexa, e não cabe discussão sobre o conceito neste momento.

⁷⁷ ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.



Esse reforço da identidade em ser italiana, através da massa, pode ser uma das razões para a negação/negociação do não consumo da mandioca, como a entrevistada mencionou, como se essa comida não a representasse. Supõe-se que, nesta e em narrativas seguintes, Iracema esteja mais preocupada em demarcar fronteiras e reforçar identidades (italianas) do que em relatar o cotidiano à mesa. Nessa questão dialoga-se com Leonir Colombo (2015, p.191), que trata sobre memórias na região, que diz: “[...] as memórias são seletivas e pragmáticas, ou seja, possuem objetivos”. Esse processo de negociação das memórias do que deve ser esquecido e do que deve ser reforçado por ser conveniente é sutil, porém presente nas narrativas.

Seu Valdemar também trouxe à tona discussão da cozinha italiana. Ele relembra que, como a mãe era italiana, ela tinha que fazer massa todo domingo — quer dizer que ela se sentia na obrigação de fazer por ser italiana. Eis, portanto, um fator não apenas alimentar, mas, acima de tudo, identitário, como se fazer massa todo domingo a tornasse mais italiana, reforçando a imagem da *mama*. Então nos vem à mente o dito popular italiano: *Mangia che te fa bene!*. Isso vinha carregado com o conceito de que o italiano é aquele que sabia comer bem!

Iracema continua sobre as diferenças dos comportamentos alimentares: “Eu não sabia comer feijão, chorei **muito** [entonação dada pela entrevistada] porque não sabia temperar feijão. [gargalhadas] Me tornei uma cozinheira assim, de tanto aprender, de tanto sofrer. Ele me fazia fazer o feijão”⁷⁸. Ainda sobre essa concepção do caboclo, ela enfatiza: “Ele era caboclo, brasileiro, caboclo. A vó, bisavó dele, não sei quem, era índia. Eles não tinham muito assim, tradição de comida, né?”⁷⁹, mas, afinal, o que é ter tradição de comida? Ser reconhecido internacionalmente como países berços da alimentação/gastronomia; ter reconhecimento e valorização da própria população em relação à sua própria

78 ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

79 ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.



comida...o que é ter tradição de comida? DaMatta (1986, p.55-56, grifo nosso) dialoga com essa questão:

Quero me referir à distinção entre comida e alimento, que é tão importante no sistema social brasileiro. Realmente, para nós, saber comer é algo muito mais refinado do que o simples ato de alimentar-se. [...] **Temos então alimento e temos comida.** Comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido como também aquele que ingere.

457

Observa-se que, para Iracema, esse modo e jeito de alimentar-se era pertencente apenas aos italianos, enquanto os caboclos não detinham desse conhecimento culinário e prático do cotidiano. Os alimentos podem causar estranhamentos ao serem confrontados com hábitos alimentares diferentes do que determinado indivíduo está acostumado, daquilo que é considerado por este como comida. A comida cabocla se torna algo “mítico” e pertencente ao outro, e Iracema se vê na exigência de romper os “liames originais” (Ferreira, 1999) para se afirmar como sujeito no campo do seu marido.

O italiano come. O caboclo se alimenta. A fusão matrimonial do ítalo-caboclo repercutiu também à mesa com o “arrozfeijão”. Sayad (1991) traz discussões sobre a incorporação de hábitos culturais do local e da sociedade de onde o sujeito está inserido. Iracema, ao se deparar com a família do marido e com os hábitos alimentares diferentes dos seus, sentiu a necessidade de incorporar a “comida cabocla” como parte de sua nova realidade alimentar, aprendendo o preparo e modos de cozimento dos novos alimentos trazidos na bagagem cultural de seu marido.

A troca agradável ou não, de saberes, sabores, técnicas, temperos e predileções são itens dessa negociação entre panelas. A entrevistada continua:

Bom, a gente sempre foi de comer bem, sabe? Nós podíamos ser pobres, não ter nada, mas comíamos bem, tínhamos que comer bem. Então, eu sempre fiz bolacha, sempre fazia cuca, pão, essas coisas eu sempre fiz na minha casa. Eu lembro que eles compravam tudo de saco, que era longe. Então, vinha pra cá, saco de açúcar, saco de cinquenta quilos de açúcar,



cinquenta quilos de farinha, trinta quilos de sal, tudo de saco, banha de lata, era tudo assim. Para nós, não faltavam essas coisas.⁸⁰

Vale lembrar que, apesar da ênfase pela origem italiana, Iracema descreve uma preparação tradicional alemã, a cuca, bolo coberto e/ou recheado com frutas e farofa, prato que se difundiu nas terras gaúchas, local de nascimento da entrevistada. Desse modo, Iracema faz questão de reforçar que gostava de comer bem. Deve-se admitir que os outros pescadores não tinham o mesmo pensamento, a mesma fala. Ou a mesma condição financeira, pois a frase de serem possivelmente pobres é encoberta pela sequência: “eles compravam tudo de saco”⁸¹.

Esta seção evidencia-se a leitura do código da comida como fator identitário. A pasta italiana se apresenta como fator de pertencimento de etnia, de povo e de território, se distanciando da alimentação do caboclo que não come, mas se alimenta.

Considerações finais

Com relatos de peixes de primeira e de segunda, massas, polenta, arroz e feijão, carne bovina, de porco e banha, registra-se relações de poder e de construção e reforço de identidades, que se materializam através das práticas discursivas referentes a memórias alimentares destes pescadores.

Estas práticas são materializadas por meio das narrativas utilizadas que refletem construções sociais em que a valorização ou depreciação, inclusão ou aceitação de um alimento em detrimento de outro assume determinado *status* devido a hierarquizações e classificações feitas tanto para marcar uma diferença

80 ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

81 ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.



identitária como no caso da comida italiana em relação à comida cabocla ou separar o que tem maior e menor valor no caso do peixe de primeira e peixe de segunda.

Estes processos de marcação de diferença e hierarquização ocorrem muitas vezes de forma verticalizada, por meio de instituições de saber e de poder que, em seus discursos proclamam suas verdades, afinal o efeito da verdade é a fala. Uma vez pronunciada a palavra, principalmente, a depender do sujeito autorizado a falar, imbuído de poder, pode ter seu discurso aceito e reproduzido como verdade.

Vale ressaltar que tanto as relações de poder, os sujeitos autorizados a falar e os discursos proclamados são construções sociais, que podem mudar e perder o efeito no tempo e no espaço, assim como podem ser contornados, conforme afirma Michel Foucault “[...] não há relações de poder que sejam completamente triunfantes e cuja dominação seja incontornável” (FOUCAULT, 2003, p. 232).

Desta maneira, a concepção contemporânea das relações de poder, que circula pela sociedade em todos os ambientes e em todas as práticas sociais, que interfere na esfera doméstica ao classificar e hierarquizar saberes e, mais especificamente, os hábitos alimentares são passíveis de serem revertidas. Isto pode ocorrer ao passo em que os saberes possam ser igualados e as culturas deixem de ter seus diversos aspectos, desde manifestações à culinária deixem de ser hierarquizadas ou classificadas em superiores ou genuínas.

Esta equidade não é tarefa fácil, mas a sua discussão e problematização pode nos impelir à reflexão acerca dos efeitos nocivos de processos que buscam atender apenas necessidades mercadológicas, face o imperativo de criação de prestígio e *status* de determinadas culturas ou artefatos culturais como a culinária com o intuito exclusivo da lucratividade.

Neste sentido, ressalta-se que este não é um trabalho encerrado, mas que apresenta alguns pontos para contínua discussão. E corrobora a tese de que a comida é simbólica e reflete a cultura, o meio e os aspectos que circundam aqueles que a escolhem e a ingerem, e que comer também é poder. Espera-se ainda contribuir com memórias em Foz do Iguaçu e que as informações e reflexões dessa



pesquisa possam fomentar e fundamentar trabalhos futuros sobre a alimentação na região.

460

Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.
- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. Fronteiras em movimento: os brasiguaios na região de Tríplice Fronteira. In: MACAGNO, Lorenzo; MONTENEGRO, Silvia;
- BÉLIVEAU, Verónica Giménez. *A Tríplice Fronteira: espaços nacionais e dinâmicas locais*. Curitiba: UFPR, 2011
- ANDRADE, Iracema Berlanda de. Entrevista concedida em 1º/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- COLOMBO, Leonir Olderico. *No rastro do burro: memórias e discursos do “colono posseiro”*. Foz do Iguaçu, PR: Canal 6, 2015.
- CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. *Alimentação, sociedade e cultura*. Tradução: Mayra Fonseca e Barba Atie Guidalli. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1986.
- FERREIRA, Ademir Pacelli. *O migrante na rede do outro*. Rio de Janeiro: Te Corá, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula Inaugural no Collège de France em 02 de dezembro de 1970. Éditions Guallimard, Paris, 1971.
- _____. *Ditos e escritos*. Estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1991.

STEFANUTTI, Paola. *Do couvert ao café: pescadores, memórias e comidas*. Foz do Iguaçu, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2015. 174 p. Dissertação, mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Universidade do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, PR, 2015.

TOZZI, Valdemar. Entrevista concedida em 24/1/2015 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

ZIMERMAN, Moacir. Entrevista concedida em 19/12/2014 a Paola Stefanutti, Foz do Iguaçu.

461